Ministério das Relações Exteriores

Instituto Rio Branco

Admissão à Carreira de Diplomata

Segunda Fase

Prova Escrita de Português

CESPE UnB
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Aplicação: 4/3/2007

LEIA COM ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES ABAIXO.

1 Este caderno de prova contém a Prova Escrita de Português, que consiste de duas partes: uma **redação** e dois **exercícios de interpretação de textos**.

2 As páginas para rascunho deste caderno são de uso opcional; não contarão, portanto, para efeito de avaliação. Todas as respostas devem ser inteiramente transcritas no caderno de textos definitivos.

3 Caso algum dos cadernos esteja incompleto ou tenha qualquer defeito, solicite ao fiscal de sala mais próximo que tome as providências cabíveis.

4 A legibilidade será considerada na avaliação da prova. Portanto, tenha atenção com o formato de letras e demais notações. Não use marcas ou sinais que não integrem o sistema gráfico do português. A escrita deve ser contínua, sem linhas em branco, nem mesmo para separar parágrafos.

5 Os limites mínimo e máximo de palavras para cada parte da prova são considerados na avaliação e devem ser rigorosamente respeitados.

6 As respostas devem caracterizar-se por objetividade, clareza, precisão e concisão, evitando-se o emprego de preciosismos, clichês ou circunlóquios.

7 Os textos devem obedecer aos padrões da modalidade escrita da língua e do gênero textual correspondente a cada parte, bem como seguir a norma culta do português brasileiro contemporâneo.

8 Não utilize borracha, lápis, lapiseira e(ou) qualquer material de consulta que não seja fornecido pelo CESPE/UnB.

9 Não serão distribuídas folhas suplementares para rascunho nem para textos definitivos.

10 Durante a prova, não se comunique com outros candidatos nem se levante sem autorização do chefe de sala.

11 A duração da prova é de **cinco horas**, já incluído o tempo destinado à identificação — que será feita no decorrer da prova — e à transcrição dos textos para as respectivas folhas do caderno de textos definitivos.

12 Você deverá permanecer obrigatoriamente em sala por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova e poderá levar este caderno somente no decurso dos últimos **quinze minutos** anteriores ao horário determinado para o término da prova.

13 Ao terminar a prova, chame o fiscal de sala mais próximo, devolva-lhe o seu caderno de textos definitivos e deixe o local de prova.

14 Será anulado o texto escrito em local indevido ou que tenha identificação fora do local apropriado.

15 A desobediência a qualquer uma das determinações constantes no presente caderno ou no caderno de textos definitivos poderá implicar a anulação da sua prova.

AGENDA (DATAS PROVÁVEIS)

I **10/4/2007**, às 16 h (horário de Brasília) – Resultado provisório da Segunda Fase: sede do IRBr, em Brasília, e Internet — www.cespe.unb.br/concursos/diplomacia2007 —, até as 20 h. A forma e o prazo para vistas de provas e interposição de recurso contra o resultado provisório da Segunda Fase serão divulgados quando da publicação desse resultado.

II **30/4/2007**, às 18 h (horário de Brasília) – Resultado final da Segunda Fase e convocação dos aprovados para as provas da Terceira Fase do concurso.

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS

Na prova a seguir, faça o que se pede, usando, caso julgue necessário, as páginas correspondentes desse caderno para rascunho. Em seguida, transcreva os textos para as respectivas folhas do **CADERNO DE TEXTOS DEFINITIVOS**, nos locais apropriados, pois **não serão avaliados fragmentos de texto escritos em locais indevidos**. Respeite os limites mínimos e máximos de palavras estabelecidos.

No **caderno de textos definitivos**, identifique-se apenas na capa, pois **não serão avaliados** os textos que tenham qualquer assinatura ou marca identificadora fora do local apropriado.

PARTE I — REDAÇÃO

Texto I

[...] Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...] Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. [...]

Machado de Assis. **O Espelho**. *In*: **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000, p. 164.

Texto II

[...] É bem provável que o brasileiro comece a surgir e a reconhecer-se a si próprio mais pela percepção de estranheza que provoca no lusitano, do que por sua identificação como membro das comunidades socioculturais novas, porventura também porque desejoso de remarcar sua diferença e superioridade frente aos indígenas. [...]

O primeiro brasileiro consciente de si foi, talvez, o mameluco, esse brasilíndio mestiço na carne e no espírito, que, não podendo identificar-se com os que foram seus ancestrais americanos — que ele desprezava —, nem com os europeus — que o desprezavam —, e sendo objeto de mofa dos reinóis e dos luso-nativos, via-se condenado à pretensão de ser o que não era nem existia: o brasileiro.

Através dessas oposições e de um persistente esforço de elaboração de sua própria imagem e consciência como correspondentes a uma entidade étnico-cultural nova, é que surge, pouco a pouco, e ganha corpo a brasilianidade. [...]

Darcy Ribeiro. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 127-128.

Texto III

[...] Quando se fez a propaganda republicana, julgou-se, é certo, introduzir, com o novo regime, um sistema mais acorde com as supostas aspirações da nacionalidade: o país ia viver finalmente por si, sem precisar exibir, só na América, formas políticas caprichosas e antiquadas; na realidade, porém, foi ainda um incitamento negador o que animou os propagandistas: o Brasil devia entrar em novo rumo, porque "se envergonhava" de si mesmo, de sua realidade *biológica*. Aqueles que pugnaram por uma vida nova representavam, talvez, ainda mais do que seus antecessores, a idéia de que o país não pode crescer pelas suas próprias forças naturais: deve formar-se de fora para dentro, deve merecer a aprovação dos *outros*. [...]

Sérgio Buarque de Holanda. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1984. 18.ª ed., p. 125.

Elabore dissertação com base na analogia entre as idéias expostas nos textos I, II e III.

Extensão: de 600 a 650 palavras
(valor: 60 pontos)

PARTE II — INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

PARTE II – EXERCÍCIO I

— [...] assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.
— Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?
— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende.
[...]
— E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os *deficits* da vida?
— Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.
— Nem política?
— Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do *scibboleth** bíblico.
— Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?
— Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: — ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; — é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7.ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.
— Farei o que puder. Nenhuma imaginação?
— Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo.
— Nenhuma filosofia?
— Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com freqüência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.
— Também ao riso?
— Como ao riso?
— Ficar sério, muito sério...
— Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, — e este ponto é melindroso...
— Diga...
— Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?
— Meia-noite.
— Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o *Príncipe* de Machiavelli. Vamos dormir.

Machado de Assis. **Teoria do Medalhão**. *In*: **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2000, p. 74-84.

* Nota explicativa – Scibboleth (ou Xibolet): conforme narrado em Juízes (12), a má pronúncia da palavra permitia identificar os inimigos.

O conto **Teoria do Medalhão**, de Machado de Assis, tem a forma de um diálogo, ao longo do qual o pai dá conselhos ao filho que completa sua maioridade. Interprete o fragmento acima, extraído desse conto, sem deixar de comentar a referência, no último parágrafo, à obra **O Príncipe**, de Maquiavel.

Extensão: de 100 a 150 palavras
(valor: 20 pontos)

PARTE II – EXERCÍCIO II

Cada literatura requer tratamento peculiar, em virtude dos seus problemas específicos ou da relação que mantém com outras. A brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir. [...]

[...] A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas... Os que se nutrem apenas delas são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e falta do senso de proporções. Estamos fadados, pois, a depender da experiência de outras letras, o que pode levar ao desinteresse e até menoscabo das nossas. [...]

Antonio Candido. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981., 6.ª ed., p. 9-10.

Comente o texto acima, interpretando a propriedade da avaliação nele contida.

Extensão: de 100 a 150 palavras
(valor: 20 pontos)

PARTE I – REDAÇÃO
RASCUNHO – 1/5

PARTE I – REDAÇÃO
RASCUNHO – 2/5

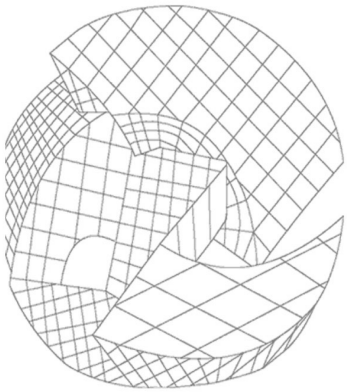
PARTE I – REDAÇÃO
RASCUNHO – 3/5

PARTE I – REDAÇÃO
RASCUNHO – 4/5

PARTE I – REDAÇÃO
RASCUNHO – 5/5

PARTE II – EXERCÍCIO I
RASCUNHO – 1/1

PARTE II – EXERCÍCIO II
RASCUNHO – 1/1



Ministério das Relações Exteriores

Instituto Rio Branco

CESPE UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA